

definham e morrem uns após outros, sem seqüência nem progressão. Para os animar incutem-lhe uma espécie de vida poética, emotiva, e tudo então se transforma em sentimento; a metafísica degenera em poesia ou em mística ou em magia: Por vezes mesmo recua para o campo romântico, cai no Pathos, ou regressa à forma prè-lógica. O corte com os correlatos, e a autonomia dada à relação, transformada numa entidade existindo em si, a seguir simbolizada num conceito, num nome, — noumêno, coisa em si, real transcendente, mundo verídico, essência, absoluto, substância, Deus, etc. — e o hábito automático do espírito de trabalhar com símbolos abstractos, produz uma ilusão que é devida à vacuidade de conteúdo real de tais símbolos. Estes são articulados em desenvolvimentos dialéticos, como se tivessem um conteúdo real. Assim o sistema se desenvolve nos ares, mas sem bases, sem raízes, e sem possibilidade de as renovar. Tal é o sistema de Spinoza, o sistema de Hegel, todos os sistemas, enfim, puramente metafísicos. No cimo de todos êles nada mais há do que Relações-Símbolos, por completo vazio de correlatos, de conteúdo: são simples fastasmas psicológicos de conceitos. E assim tudo se desfaz numa desagregação rápida, ao menor abalo; e assim, nos cimos, os sistemas se afastam com os vértices de altas montanhas, cujas bases estão encobertas pelas nuvens. O sol parece brilhar nas altas neves, mas não há mais que Miragem sem consistência.

Esta Miragem é devida a que a Metafísica tende automaticamente para um formalismo exaustivo, sem no entanto poder abandonar o intuitivo; êle tem, sob pena de total dissolução, de sentir êste formal com o real, e assim de introduzir nos seus fantasmas a essência, a substância, o material, o real sob qualquer forma. Mas esta forma é absolutamente artificial, e mesmo conseguida à custa de uma inversão completa dos processos construtivos normais do espírito.

Tal processo de inversão é então o seguinte. Construído o absoluto à custa da supressão de ligações com os correlatos condicionantes, e pelo processo de autonomia da relação acima referido; transformado êste absoluto num símbolo qualquer, Noumêno, Deus, Real Transcendente, ou

qualquer outro, passa êste a ser o condicionante dos correlatos eliminados, e a sua causa. Tal realidade é inatingível, inconoscível, por hipótese; esta hipótese porém tem como causa psicológica êste mecanismo de inversão; o transcendente, por outras palavras, corresponde psicologicamente ao corte das ligações com os correlatos. A êste sistema invertido, composto de correlatos eliminados, e de uma relação tornada autónoma, incondicionada e absoluta, aplicam-se a seguir, quer noções causais, quer elementos emotivos, ou mesmo antropomórficos: e desta forma podemos construir arbitrariamente o Noumêno, Deus, o Arquitecto, o Real Transcendente, a Idêa ou Pensamento infinito e absoluto, vários gêneros de Domingos, e tudo o que se queira. E' uma pura questão de imaginação lógica ou estética aplicada à inversão referida.

Para melhor compreensão do leitor seja-me permitido exemplificar um exemplo tornado propositadamente rudimentar. Pensemos um objecto; tal objecto é o símbolo de certas relações fixas do dado, conexões de sensações. Tal objecto não existe sem estas sensações e sem conexão fixa; o objecto não é a sensação, mas a relação fixa. Ele é pois, como símbolo, independente, mas, como relação é dependente dessas sensações. Cortemos estas ligações e concedamos uma independência completa ao símbolo. Ele torna-se em individualidade incondicionada, existente em si; mas esta realidade é fictícia, pois a única realidade do objecto reside nas conexões internas, na invariância. Assim livre, autónomo, torna-se um absoluto; mas êste absoluto é vazio de conteúdo; é, em verdade, um nome apenas, que a nada corresponde, pois cortamos, por hipótese, tôdas as ligações com o real. Mas a êste símbolo tenho de conferir uma realidade; introduz-se sob a forma de uma *essência*, e digo a *essência* do objecto X, ou a *realidade em si* do objecto X. Esta essência, esta realidade, não é porém mais do que outro símbolo construído por abstracção sôbre a experiência. O objecto X fica pois constituído por um símbolo vazio compreendido por um símbolo abstracto; tal objecto é apenas um nome totalmente vazio de conteúdo. Com tal objecto posso fazer tudo,